

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC

UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	PRIMEIRO REGISTRO DE INTERAÇÃO CARNÍVOROS VERSUS HERBÍVOROS TERRESTRES PARA O PERMIANO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
Autor	CAMILA SCARTEZINI DE ARAUJO
Orientador	MARINA BENTO SOARES

PRIMEIRO REGISTRO DE INTERAÇÃO CARNÍVOROS *VERSUS* HERBÍVOROS TERRESTRES PARA O PERMIANO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

Autora: Camila Scartzini de Araujo

Orientadora: Marina Bento Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Traços de dentes de vertebrados em ossos são icnofósseis comuns no registro fóssil. Estas bioerosões são produzidas no ato de morder ou roer os elementos ósseos, direta ou indiretamente. Tais registros são altamente significativos do ponto de vista paleobiológico, visto que, muitas vezes, fornecem evidências de interações entre predadores e presas. Este trabalho tem como objetivo descrever e discutir uma bioerosão encontrada na escápula de *Provelosaurus americanus* (UFRGS-PV-0231-P) um Pareiasauria, grupo de pararápteis herbívoros restritos ao final do Permiano. O espécime é proveniente da Formação Rio do Rasto (Permiano Médio-Superior), tendo sido coletado no sítio Aceguá 1, localizado no km 204 da rodovia BR153, entre os municípios Bagé e Aceguá, sul do Rio Grande do Sul, Brasil. No mesmo sítio, níveis estratigráficos abaixo da ocorrência de *P. americanus* foram datados com métodos radiométricos, entre 264.9 +/- 2.5 Ma, demonstrando que os estratos onde ocorrem pareiassauros são correlacionáveis com idades entre o Neoguadalupiano e o Neolopingiano. A bioerosão encontrada na escápula de *P. americanus* é um buraco (*hole*) isolado, de forma elíptica externamente, sem preenchimento e implantado tanto no osso cortical quanto no esponjoso. A fim de acessar as características do icnofóssil em três dimensões e poder fazer comparações, foi feito um molde do mesmo em borracha de silicone. O molde obtido se mostra triangular quando em seção. Seu comprimento é de 11,4 mm e sua largura de 9,3 mm; a profundidade chega até 11 mm. Na porção apical do molde, o ângulo entre os vértices das faces mesial e distal é de ~35°. Cada face é marcada por uma linha longitudinal que percorre toda a superfície, sendo a linha da face mesial melhor definida. Interpretam-se tais linhas como carenas dentárias. De fato, a perfuração elíptica na escápula de *P. americanus* é comparável àquelas deixadas por mordidas de crocodilianos e mamíferos em ossos atuais, cujas carenas dos dentes definem pequenas pontas, em forma de cunha, em cada extremidade da perfuração. As características citadas condizem com outros traços de dentes em fósseis e, mais especificamente, se assemelham ao icnotáxon continental *Nihilichnus nihilicus*, no qual os furos isolados, e não padronizados, são interpretados como resultados de mordidas individuais. Na busca de potenciais produtores do icnofóssil em questão, tem-se que entre o Neoguadalupiano e o Neolopingiano os predadores dominantes nos ecossistemas terrestres eram sinápsidos carnívoros membros dos grupos Biarmosuchia, Dinocephalia, Gorgonopsida, Therocephalia e Cynodontia. Destes grupos, no Brasil, apenas existem registros de Dinocephalia. Estes são dentes isolados que co-ocorrem com *P. americanus*, no sítio Fazenda Fagundes, em São Gabriel, RS, e um crânio com dentição de *Pampaphoneus biccai* (holótipo), coletado no sítio Fazenda Boqueirão, localizado no mesmo município. Ao se comparar o molde do icnofóssil em estudo com o caniniforme de *P. biccai*, nota-se uma extrema semelhança, indicando-o como o mais provável autor do traço. A identificação desta interação entre componentes herbívoros (Pareiasauria) e predadores (Dinocephalia) é uma contribuição importante para a paleoecologia do final do Paleozoico, pois, em contraste com as comunidades mais jovens do Mesozoico e do Cenozoico, pouco se sabe sobre a estrutura trófica das assembleias de vertebrados ou de seus hábitos de alimentação. Este trabalho aponta para o terceiro registro de interação carnívoros *versus* herbívoros para o Permiano mundial, além de sugerir, indiretamente, a ocorrência de Dinocephalia para outra localidade da Formação Rio do Rasto (sítio Aceguá 1) e reforçar a co-ocorrência de dinocefálios e pareiassauros no Permiano Médio-Superior do Rio Grande do Sul.